

ABANDONO AFETIVO E O PROCESSO EDUCATIVO: A IMPORTÂNCIA DA ESCUTA SENSÍVEL DO PROFESSOR

Katyusce Eva S. Mendanha¹
Márcia Inês da Silva²

Resumo: Este artigo aborda sobre o abandono afetivo, sua relação com o processo educativo e a importância da escuta sensível do professor, diante dessa questão. Destaca-se a relevância deste assunto na pesquisa acadêmica, ao enfatizar a importância da afetividade no aprendizado e desenvolvimento dos alunos, assim como a influência do abandono afetivo na vida das pessoas ao longo do tempo. Daí, evidencia-se a necessidade de uma abordagem voltada à saúde emocional das crianças bem como da importância, da escuta sensível do professor, que envolve: a empatia e o ouvir, ativamente. A pesquisa propõe discutir a combinação da escuta sensível do professor com a mediação pedagógica. Enfatiza-se ainda que os professores tendem a desempenhar um papel vital no processo de desenvolvimento pessoal dos alunos, indo além do ensino acadêmico. Metodologicamente, fundamenta-se na pesquisa bibliográfica de: Antunes (2006), Freire (1999), Lyra (2014), Masetto (2000), Miranda (2020), Paiva (2021) e Rossini (2012), dentre outros, além da pesquisa de campo (em anexo), por meio de questionários através da plataforma Google Forms com docentes, por meio de questões objetivas e discursivas com intuito de verificar e registrar a posição de professores a respeito do tema, além de se observar se estes têm adotado a técnica da escuta sensível, em sala de aula. Entende-se então: urge compreender que o abandono afetivo no ambiente escolar, tem se aprofundado nos tempos atuais, daí conclui-se que é imprescindível que os docentes promovam a prática escuta sensível aos estudantes em vulnerabilidade uma vez que um dos pilares principais do sistema educacional é sua dimensão social.

Palavras-chave: Afetividade; Empatia; Docência; Mediação Sensível.

AFFECTIVE ABANDONMENT AND THE EDUCATIONAL PROCESS: THE IMPORTANCE OF TEACHER'S SENSITIVE LISTENING

Abstract: This article addresses emotional abandonment, the educational process and the importance of sensitive listening on the part of the teacher. It highlights the relevance of this topic in academic research, highlighting the importance of affectivity in students' learning and development, as well as the influence of affective abandonment in people's lives over time. It highlights the need for a sensitive approach to children's emotional health and the importance of sensitive listening on the part of the teacher, which involves empathy and active listening. The research also discusses how the combination of sensitive teacher listening and pedagogical mediation creates a welcoming and student-centered learning environment, promoting deeper and more meaningful learning. Furthermore, it emphasizes that teachers play a vital role in students' personal development, going beyond academic teaching. The article is based on bibliographical research with several authors, notably: Antunes (2006), Freire (1999), Lyra (2014), Masetto (2000), Miranda (2020), Paiva (2021), Rossini (2012) among others, and field research through the application of a questionnaire on the Google Forms platform with teachers, asking objective

¹ Discente do curso de Pedagogia do Centro Universitário de Goiás – UNIGOIÁS. Lattes: <https://lattes.cnpq.br/4148693729571004>. E-mail: katykesm@gmail.com.

² Professora do Centro Universitário de Goiás – UNIGOIÁS. Doutora em Performances Culturais pela Universidade Federal de Goiás. Mestre em Arte/Educação pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Graduada em Pedagogia pela Pontifícia Universidade Federal de Goiás (PUC-Goiás). Lattes: <https://lattes.cnpq.br/0923546766860837>. Orcid:0000-0002-1411-3976. E-mail: professoramarciaines@gmail.com.

and discursive questions with the aim of questioning teachers about the topic and finding out if they adopt sensitive listening in the classroom. This study highlights the need to sensitively address emotional abandonment in the school environment, supporting the importance of students' emotional health. We understand that the understanding of the impact of emotional abandonment in the school environment is deepening, and it is evident to highlight the importance of sensitive listening on the part of educators.

KEYWORDS: Affectivity; Empathy; Teaching; Sensitive Mediation.

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa versa sobre o abandono afetivo, o processo educativo e a importância da escuta sensível do professor. Este assunto é de grande relevância na pesquisa acadêmica, tendo em vista que a afetividade desempenha um papel primordial na aprendizagem e desenvolvimento dos alunos. O estudo propicia entender também neste contexto, a relação positiva e colaborativa entre professor, família e aluno pela qual se pode criar um ambiente propício ao aprendizado e ao crescimento emocional do educando.

Atualmente, verifica-se que o abandono afetivo é uma realidade que afeta crianças e adolescentes em diversas esferas sociais e idades. Ele consiste na prática da negligência afetiva aos filhos, ou seja, quando um dos genitores, ou até mesmo ambos, deixam de prestar assistência emocional, de gerar vínculos afetivos saudáveis, causando marcas significativas para o desenvolvimento emocional e cognitivo das crianças. Esta questão, quando conduzida para o âmbito escolar, apresenta consequências ainda mais complexas e profundas.

Existe, porém, uma relação entre abandono afetivo e o processo educativo. Este é um campo de estudo em constante desenvolvimento, pelo qual se procura compreender os impactos desse fenômeno na vida dos estudantes e identificar estratégias, para então se lidar com esta realidade. Por outro lado, observa-se que o ambiente escolar exerce um papel crucial na vida das crianças, uma vez que estas passam boa parte do seu tempo construindo relações interpessoais significativas.

No entanto, o abandono afetivo pode gerar impacto significativo na vida escolar da criança, por interferir na capacidade de aprendizagem, no desenvolvimento social, emocional, e igualmente, na sua autoestima. Para tanto, defende-se que é importante os professores estarem atentos à questão, para não somente diagnosticar, o que é muito comum, mas analisar a carência afetiva dos alunos, e realizar ação preventiva e proativa, no sentido de se promover um ambiente escolar acolhedor, de diálogo, de escuta e, principalmente, de incentivo à (re)construção de vínculos afetivos visando o desenvolver uma prática pedagógica que priorize o relacionamento social. Nesse sentido, é de grande relevância a contribuição de J. H. G. Lyra sobre a “Importância da integração família, escola, suas dificuldades e seus encontros, diálogo

necessário para a construção do sujeito e o futuro do contexto escolar” (2014). De acordo com Lyra (2014), “Educar é um processo global se pensarmos em educar para a vida. Educar para o pedagógico é sim tarefa de ambas, escola e família.” Desta maneira, é primordial que todos os sujeitos integrantes da educação estejam interessados em compreender o quanto estas questões afetivas interferem no desenvolvimento da criança.

Diante do exposto, pode-se perceber o quanto o processo educativo é complexo, pois existem diversos fatores que interferem no desenvolvimento da aprendizagem: tais como, aspectos cognitivos, afetivos, emocionais, psicológicos e o educador, diz o autor, precisa estar atento e conhecer as características da fase do desenvolvimento na qual o aluno se encontra, para buscar atender as necessidades dos alunos e ser facilitador da aprendizagem.

A escuta sensível do professor é uma ferramenta fundamental no enfrentamento do abandono afetivo no ambiente escolar. Segundo Paulo Freire (1999), “[...] o diálogo é uma relação horizontal. Nutre-se de amor, humildade, esperança, fé e confiança”. Essa abordagem implica no fato da escola, nesses casos, proporcionar um ambiente seguro, agradável, acolhedor onde a escuta, o diálogo sobre os sentimentos, emoções e preocupações. Esta prática fortalece os laços afetivos entre aluno e professor, criando um ambiente favorável para o desenvolvimento socioemocional saudável.

Sendo assim, levantam-se alguns questionamentos: o abandono afetivo pode comprometer o desenvolvimento e a formação humana de um indivíduo? Quais as consequências desse tipo de abandono, para a vida escolar da criança? De que maneira a escola pode amenizar ou intensificar o processo de abandono?

Mediante tais perguntas, objetivou-se criar uma pesquisa contendo questões que possam esclarecer ainda mais o tema. Assim, teve-se para a referida pesquisa, o intuito de investigar possíveis danos no processo ensino-aprendizagem causados pelo ato do abandono afetivo e as possibilidades proporcionadas pela escuta sensível do professor na mediação, destacando a compreensão os elementos essenciais para a configuração de abandono afetivo, as consequências das questões emocionais no desempenho na vida escolar e relação afetiva entre professor e aluno, no processo de aprendizagem.

Salienta-se que a pesquisa se justifica diante da complexidade da temática e a necessidade de um instrumento de estudo que aprofunde o olhar sobre o abandono afetivo e a pedagogia do relacionamento, com o foco de que tanto a afetividade é um fator importante no processo ensino-aprendizagem, quanto a relação professor/família/aluno é fundamental para que o êxito aconteça.

Metodologicamente, para além da pesquisa de campo (através de questionários elaborados por meio da ferramenta *Google Forms*, aplicados de forma individual e anônima), o presente estudo também se apoia no estudo de fontes bibliográficas.

Sobre a análise dos dados presentes nos questionários, os resultados destacam claramente, a importância do papel dos professores no apoio emocional e no desenvolvimento dos alunos, bem como a relevância da escuta sensível na promoção de um ambiente escolar acolhedor e enriquecedor. Além disso, os professores reconhecem que o abandono afetivo pode ter impactos significativos no processo educativo e estão dispostos a adotar práticas que contribuam para o bem-estar emocional dos alunos.

Todavia, a relação entre o abandono afetivo e o contexto escolar destaca também outro fato: a necessidade de uma abordagem sensível e atenta à saúde emocional dos alunos. Nesse sentido, figura a escuta sensível do professor, cuja ação é identificada como um elemento-chave neste contexto, por permitir aos educadores identificação das necessidades individuais de cada aluno e conseqüentemente, a criação de um ambiente de aprendizagem seguro e acolhedor. Contudo, compreende-se que a combinação da escuta sensível do professor, do diálogo e da mediação pedagógica contribui para uma educação que valoriza a individualidade dos educandos, uma vez que ela se adapta às suas necessidades e promove um aprendizado profundo e significativo.

Portanto, observa-se que estas abordagens, não somente melhoram o desempenho acadêmico, mas fortalecem a confiança e o desenvolvimento pessoal dos alunos, preparando-os para superar desafios educacionais e pessoais com sucesso. Dentro desta visão trazida por Lyra (2014), a escola, como agente socializador, deve ir além do ensino acadêmico e considerar a importância das relações interpessoais e do bem-estar emocional dos educandos.

Adotar uma abordagem sensível no âmbito da educação requer uma combinação de empatia e conhecimento, permitindo a reflexão constante, tanto dentro quanto fora da sala de aula. Isso implica a necessidade de adquirir informações que promovam uma observação cuidadosa das atividades diárias com as crianças. A educação é construída por meio de um processo em constante evolução e colaboração, no qual professores e alunos exercem uma influência mútua sobre o mundo que os envolve.

Portanto, a sensibilidade do docente é fundamental para formar seres humanos melhores e sensíveis para com os outros seres humanos. Só é possível desenvolver sua capacidade de ouvir de maneira sensível, olhar para o outro com mais empatia e humanidade, se olhar para dentro, fazer uma autorreflexão e cultivar em si, sensibilidade.

METODOLOGIA

Para este estudo, foram realizadas pesquisas bibliográficas, de caráter qualitativo, a fim de se obter uma fundamentação teórica sólida a respeito do tema, utilizando-se como referência, autores que dissertam sobre o assunto: Lyra (2014), Boccato (2006), Gil (2002), Marconi e Lakatos (2003), Miranda (2020), Souza (2021) e documentos oficiais que norteiam a educação, tais como a Base Nacional Comum Curricular – BNCC (BRASIL, 2017) e Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei Nº 8.069/90).

Sobre a necessidade de adotar a pesquisa bibliográfica, justifica-se por ser um método de extrema importância, um instrumento essencial quando se pretende discorrer sobre determinado objeto de estudo, tendo em vista, que fornece suporte teórico, a partir do qual novas considerações serão construídas. E, segundo Boccato (2006)

[...] busca a resolução de um problema (hipótese) por meio de referenciais teóricos publicados, analisando e discutindo as várias contribuições científicas. Esse tipo de pesquisa trará subsídios para o conhecimento sobre o que foi pesquisado, como e sob que enfoque e/ou perspectivas foi tratado o assunto apresentado na literatura científica. Para tanto, é de suma importância que o pesquisador realize um planejamento sistemático do processo de pesquisa, compreendendo desde a definição temática, passando pela construção lógica do trabalho até a decisão da sua forma de comunicação e divulgação. (BOCCATO, 2006, p. 266)

Ainda sobre a relevância da pesquisa bibliográfica para a abordagem do tema deste trabalho, segundo Gil (2002, p. 44), “[...] a pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”. Acredita-se, portanto, que se faz necessário retomar conceitos e teóricos da área de leitura para compreendermos a importância desta prática, na formação dos sujeitos.

Em seguida, foi realizada uma pesquisa de campo com a utilização de questionários, elaborados por meio da ferramenta Google Forms, aplicados de forma individual e anônima, para coletar o depoimento dos professores. Os questionários foram elaborados de forma a obter informações relevantes sobre as percepções e experiências em relação a conhecimentos sobre o assunto, como vem a recorrência do abandono afetivo na escola, e quais medidas são tomadas em relação à escuta sensível do professor. Segundo Marconi e Lakatos (2003), a pesquisa de campo é utilizada com objetivo

[...]de conseguir informações e/ou conhecimentos acerca de um problema, para o qual se procura uma resposta, ou de uma hipótese, que se queira comprovar, ou, ainda, descobrir novos fenômenos ou as relações entre eles. Consiste na observação de fatos e fenômenos tal como ocorrem espontaneamente, na coleta de dados a eles referentes e no registro de variáveis que se presume relevantes, para analisá-los. (MARCONI; LAKATOS, 2003, p.186).

Assim, tal como defendem Marconi e Lakatos (2003), a análise das discussões teóricas permite a identificação de tendências, conceitos-chave, perspectivas e pressupostos relevantes. Já os dados dos questionários de pesquisa de campo foram analisados em diálogo com o referencial teórico, o que contribuiu para algumas reflexões que possibilitaram a compreensão mais exata sobre o tema, além de favorecer o avanço do conhecimento.

ABANDONO AFETIVO: CONCEITOS E FUNDAMENTOS

A afetividade está presente em praticamente todos os aspectos da vida humana e influencia nossas percepções, pensamentos, comportamentos e relacionamentos. A afetividade é um conceito que compreende vários sentimentos e estados emocionais que são experimentados ao longo da vida: alegria, tristeza, raiva, medo, amor e empatia. Neste estudo sobre conceitos e fundamentos do termo abandono, figuram-se os autores: Ferreira (1986), Antunes (2006), Wallon (1981), Bastos e Luz (2008), Constituição Federal (1988), Paiva (2021), Schor (2016), Bowlby (1982), Morin (2007) e Lewis e Volkmar (1993).

Segundo Ferreira (1986), o afeto é o elemento básico da afetividade, sendo que a afetividade é definida por este autor, como conjunto de fenômenos psíquicos que se manifestam sob a forma de emoções, sentimentos e paixões, acompanhados sempre da impressão de dor ou prazer, de satisfação ou insatisfação, de agrado ou desagradado, de alegria ou de tristeza.

Para Ferreira (1986), a afetividade está presente em todas as relações diárias. Ela envolve a capacidade de se expressar e reconhecer emoções, tanto as próprias quanto as dos outros. Isso inclui a empatia, ou seja, a capacidade de se colocar no lugar do outro e compreender seus sentimentos.

Esse englobamento emocional, segundo Ferreira (1986), ajuda o indivíduo a construir laços significativos e a fortalecer suas conexões com os demais. Desta forma, a afetividade pode ser entendida como uma relação de cuidado, carinho e atenção entre indivíduos. Ela compreende as diversas manifestações de emoções positivas e negativas em relação a outras pessoas, conclui este autor.

Entretanto, observa-se que diversos autores também colaboram com seus pensamentos e posições teóricas, ao apontarem o que vem a ser afetividade. Assim, de acordo com Celso Antunes (2006), a afetividade é

Um conjunto de fenômenos psíquicos que se manifestam sob a forma de emoções que provocam sentimentos. A afetividade se encontra escrita na história genética da pessoa humana e deve-se a evolução biológica da espécie como o ser humano nasce

extremamente imaturo, sua sobrevivência requer a necessidade do outro, essa necessidade se traduz em amor. (ANTUNES, 2006, p. 05)

Todavia, a partir do que trazem Ferreira (1986) e Antunes (2006), sabe-se que a afetividade é um fenômeno importante para o bem-estar do ser humano, por meio dela é possível conseguir determinar o modo com que as pessoas visualizam o mundo e se manifestam através de determinadas situações. Desse modo, quando o ambiente é nutrido pela afetividade, vai favorecer positivamente no desenvolvimento da criança.

Outro estudioso do tema afetividade é Henri Wallon (1981). De acordo seus estudos, Wallon apresenta que, o desenvolvimento psíquico da criança, apresenta fatores de origem biológica e social. Para este autor, a afetividade está diretamente ligada às necessidades da criança, desde o seu nascimento, conforme se tem a seguir

O ambiente humano infiltra-se no meio psíquico e substitui-o em grande parte, sobretudo na criança. Ora compete precisamente às emoções, pela sua orientação psicogenética, desenvolver estes laços, que se antecipam à intenção e ao raciocínio. As consequentes atitudes, os efeitos sonoros e visuais resultantes, representam para as outras pessoas um estímulo maior de interesse, capaz de mobilizar reações semelhantes, complementares ou recíprocas, quer dizer, em relação com a situação de que são o efeito e o índice. (WALLON, 1981, p. 149).

Wallon complementa ainda que as emoções, as relações interpessoais e as experiências afetivas desempenham um papel fundamental no desenvolvimento do aspecto psíquico. Para Wallon, através dessas interações, a criança constrói sua compreensão do mundo, desenvolve suas habilidades emocionais e aprende a se relacionar com os outros.

A família - primeiro núcleo social que a criança tem contato, de acordo com a Sociologia, representa um conjunto de indivíduos unidos por laços afetivos ou de parentesco. Dentro dessa relação, diz Wallon, os adultos são responsáveis pelo cuidado com as crianças. A família também é compreendida como a primeira instituição responsável pela socialização dos indivíduos, considera este teórico. Sendo assim, a família, para Wallon, é o elemento primordial para o processo de desenvolvimento da criança.

Daí, ao relacionar o que diz Wallon com o tema deste artigo, pode-se então considerar que o fenômeno do abandono afetivo por sua vez, se caracteriza pela falta do dever de cuidar, ou na falha de exercer assistência emocional e/ou afetiva durante o desenvolvimento do indivíduo, em tenra idade. Desta forma, verifica-se que este fato social pode acontecer em diversas relações, como nas famílias, nas relações parentais e em outros contextos sociais.

Porém, ao se voltar a atenção ao estudo da questão da afetividade, se vê que Bastos e Luz (2008) são também autores que trabalham a significação do conceito de abandono afetivo. Para eles, o abandono afetivo “pode ser configurado quando há um comportamento omissivo,

contraditório ou de ausência de quem deveria exercer a função afetiva na vida da criança ou do adolescente” (2008: 70).

Segundo Bastos e Luz (2008), o abandono afetivo se refere à negligência emocional ou falta de cuidado emocional que uma pessoa pode sofrer de outra pessoa ou grupo de pessoas responsáveis por seu bem-estar. Neste caso, dizem os autores, ocorre quando a criança ou o adolescente não recebe o cuidado emocional adequado e pode levar a uma série de consequências prejudiciais para o seu desenvolvimento.

Porém, se Wallon traz uma visão do lado psicológico da afetividade e o abandono afetivo resulta de prejuízo para o desenvolvimento emocional e das relações da criança, Bastos e Luz (2008) trazem uma outra perspectiva desse assunto: seu lado legal ao dizer que, em prol de um desenvolvimento saudável da criança, é imprescindível que haja uma responsabilidade compartilhada entre a família, a sociedade e o Estado. Na opinião de Bastos e Luz (2008), cada indivíduo, ao executar o seu papel quer seja na família ou diante da sociedade, deve garantir que as crianças cresçam e se desenvolvam da melhor maneira possível.

Este ponto importante acerca do abandono afetivo, em seu lado legal, pode ser corroborado pela legislação brasileira. Por este fato, verifica-se a regulamentação do tema, cuja versão se encontra consolidada na Constituição Federal (CF, 1988).

Assim, segundo a interpretação que emana do artigo nº 277, é dever da família cuidar da criança para que tenha seu desenvolvimento saudável. Dever este que é subsidiado na responsabilidade compartilhada entre a sociedade e o Estado brasileiro. Esta responsabilização compartilhada entre: família, sociedade e Estado, na garantia dos direitos fundamentais das crianças e adolescentes, estão previstos nesta Carta Magna, ao determinar que

(...) é dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão. (BRASIL, 1988).

Para tanto, pela verificação que traz a Constituição Federal (1988), se vê que os direitos mencionados no artigo, estão como direitos essenciais para o desenvolvimento integral e saudável das crianças e adolescentes, assegurando-lhes condições apropriadas para viver. Esta é uma clara exigência que traz a legislação sobre este assunto. Contudo, embora o artigo não se refira claramente ao termo "abandono afetivo", ele trata de forma ampla o dever de garantir o bem-estar e a integridade das crianças, ou seja, apresenta, de forma preventiva, as devidas responsabilidades legais a fim de que justamente se evite situações de abandono.

Outros dois aspectos diretamente relacionados ao conceito de afetividade são o afeto e o cuidado. Uma estudiosa que se destaca na análise do afeto e do cuidado e que traz sua contribuição a este estudo é Daiana de Assis Paiva em obra intitulada *Abandono Afetivo: Responsabilidade Civil e uma visão além da indenização* (2021). Para esta autora, tanto o afeto quanto o cuidado são desenvolvidos no seio familiar, moldam a personalidade do indivíduo e influenciam como ele se comporta, pensa e se relaciona ao longo da vida e as experiências e interações com o ambiente tem impacto significativo no desenvolvimento psicológico da criança, pois desde o nascimento, as crianças começam a desenvolver uma variedade de emoções básicas, como medo e raiva.

Segundo Paiva (2021), quando uma criança ou adolescente enfrenta a privação de afeto e cuidado emocional adequados, pode resultar em traumas e distúrbios psicológicos, tal como se vê, o autor diz que

Vale ressaltar o prejuízo causado ao menor pela falta de afeto (o qual consiste em uma das causas do abandono afetivo), visto que ele se encontra em estado de desenvolvimento, não somente físico, mas também psicológico. Isso traz, portanto, à criança ou ao adolescente traumas e distúrbios psicológicos. (PAIVA, 2021, p. 27)

No entanto, a falta de uma presença afetiva, assídua e atenta pode dificultar o sentimento de pertença familiar e promover a “[...] formação de subjetividades incapazes de se posicionarem e de posicionar suas próprias histórias em contraste com a história do ambiente” (SCHOR, 2016, p. 19), outro autor que apresenta sua posição teórica frente ao tema. Para Shor (2016), destaca-se, que não é simplesmente a presença ou ausência parental o critério de definição de abandono afetivo, mas a qualidade da relação que se estabelece no seio familiar.

Nesse sentido, outro autor que verifica a questão da presença familiar frente ao abandono afetivo é John Bowlby (1982) em seu trabalho sobre “Formação e rompimento dos laços afetivos”, a partir do que denominou por ‘teoria do apego’. Para este autor, mesmo entre vínculos afetivos desfeitos, existe uma relação intrínseca, deste modo, como consequência, se dá o que Bowlby (1982) considera como fator para o desenvolvimento posterior de certos distúrbios psiquiátricos. Assim, conforme diz Bowlby (1982)

Foi sistematicamente apurado que dois síndromes psiquiátricos e duas espécies de sintomas associados são precedidos por uma elevada incidência de vínculos afetivos desfeitos durante a infância. As síndromes são a personalidade psicopática (ou sociopatia) e a depressão; os sintomas persistentes, a delinquência e o suicídio. (BOWLBY, 1982, p. 67).

Os efeitos e impactos do abandono afetivo podem ser profundos e permanentes, pois a falta de afeto pode abalar o desenvolvimento emocional e cognitivo da criança, levando a

dificuldades de aprendizagem, de entender suas emoções e problemas de autoestima, complementa este autor.

Sobre as possíveis consequências do abandono afetivo, Paiva (2021) diz que durante a infância e a adolescência, ocorrem processos importantes de formação da personalidade, construção de identidade e aprendizado de habilidades socioemocionais. Para Paiva (2021), o dano do abandono afetivo está diretamente ligado à personalidade do indivíduo, ao afirmar este autor que

O dano causado pelo abandono afetivo está intrinsecamente ligado à personalidade do indivíduo. Esta se forma principalmente no seio familiar, onde a criança desenvolve sentimentos primordiais para seu crescimento como um ser capaz de viver em sociedade. (PAIVA, 2021, p. 28).

De acordo com Schor (2016), as heranças invisíveis deixadas pelo abandono afetivo correspondem a inúmeras sequelas que constituirão padrões traumáticos na vida de uma criança. Em outros termos, como o próprio autor relata, há uma paralisia subjetiva deixada como herança do trauma do abandono afetivo

Em meio a uma situação de sofrimento intolerável, uma das primeiras tendências evidenciadas pelo psiquismo é a de mergulhar em um processo de transe, semelhante a uma anestesia, cujo resultado é um estado de desorientação psíquica, capaz de suspender a percepção do mal e, junto com ela, a de uma boa parcela da realidade em geral. (SCHOR, 2016, p. 138).

Mediante a análise desse quadro que forma o abandono afetivo, na individualidade da criança, Fornasier e Silva (2023) são autores que fazem menção ao abandono afetivo por meio de estudo realizado com base nas pesquisas dos psicólogos e pesquisadores Khaleque e Rohner (2012) da Universidade de Connecticut nos Estados Unidos, pesquisa sobre o desenvolvimento humano e ciências da família, na qual a dor de uma criança rejeitada pelos pais ultrapassa o emocional e se transforma em dor física, e afirmam que a dor emocional causada por um ato de rejeição ou negação de afeto pelos pais ou por outras figuras de apego, tende a tornar as pessoas ansiosas, inseguras e, provavelmente, desenvolverão ressentimentos, emoções dolorosas e angustiantes.

De acordo com Teoria de Aceitação-Rejeição de Pais (PARTheory), segundo Khaleque e Rohner (2012), à medida que as crianças percebem a não afetividade por parte dos pais, discorrem os autores, é provável que se sintam indignas de serem amadas por aqueles que as deveriam amá-las. Mecanismo esse de enfrentamento psicológico conhecido como dissociativo ou transe dissociativo, dizem os autores.

Este mecanismo, pode ocorrer como uma resposta a situações de grande estresse, trauma ou sofrimento extremo que pode suceder ao impacto profundo que a ausência de

cuidado, atenção e apoio emocional pode ter em uma pessoa, podendo se passar na infância ou adolescência quando o indivíduo se sente rejeitado ou negligenciado por figuras significativas em sua vida, complementam Khaleque e Rohner (2012).

Mas, para além de elementos internos, ou seja, presentes na individualidade da criança, ela também se desenvolve por meio de contatos externos ou interações diversas. Para tratar deste assunto, se destaca Edgar Morin (2007) ao demonstrar que os diversos tipos de interações, seja elas com as pessoas e o ambiente, ajudam a moldar e aperfeiçoar essas emoções que estão na formação do indivíduo e procedem ao desenvolvimento consciente e do raciocínio lógico.

As interações sociais são acompanhadas por trocas de conhecimento e informações. E, na relação de aprendizagem, existe um vínculo onde a razão e a emoção estão interligadas. Observa-se isto na afirmação de Morin (2007) ao dizer que

Poder-se-ia crer na possibilidade de eliminar o risco de erro, recalçando toda afetividade. De fato, o sentimento, a raiva, o amor e a amizade podem-nos cegar. Mas, é preciso reconhecer que já no mundo mamífero e, sobretudo, no mundo humano, o desenvolvimento da inteligência é inseparável do mundo da afetividade. (MORIN, 2007, p. 20).

Para Morin (2007), existe uma direta ligação, onde a capacidade de sentir emoção é indispensável aos comportamentos racionais e cognitivos na qual uma caminha com a outra, de modo que não podem ser consideradas separadas, no processo de aprendizagem.

Sendo assim, este autor defende que as interações com o ambiente moldam nossa compreensão do mundo ao nosso redor. Na sua visão, nossas interações sociais também desempenham um papel fundamental na construção de nossa identidade e propicia a formação de um cidadão capaz de lidar com os desafios e as complexidades da vida.

Entretanto, ao se relatar a importância da presença dos pais na formação da criança e sua dupla responsabilidade no combate ao abandono afetivo, pontuam os autores Melvin Lewis e Fred Volkmar (1993). De acordo Lewis Volkmar (1993), o exercício das funções está presente na imagem de pais e mães como guias, educadores e modelo para sua prole, sobretudo no controle de impulsos e comportamentos que podem provocar distúrbios na personalidade da criança.

Desta forma, os autores dizem que, fica evidente que consequências psicológicas causadas pelo abandono afetivo irão acompanhar o indivíduo durante boa parte da sua existência, podendo persistir ao longo do tempo ou para o resto de sua vida. Segundo eles, a sensação de vazio que ocupa o lugar de sentimentos que deveriam ter sido despertados e

mantidos no convívio familiar, dificulta as relações emocionais e podem continuar a afetar a pessoa ao longo de sua vida.

Contudo, observa-se que, compreender a complexa relação entre o desenvolvimento emocional de uma criança e seu ambiente de aprendizagem, é extremamente importante, tal como tem enfatizado os diversos autores já elencados.

No próximo tópico, este artigo se atém ao aspecto crítico desse relacionamento, ao abordar a questão do abandono afetivo e sua influência no contexto escolar e seus desdobramentos: o impacto que a falta de apoio emocional pode ter sobre o aprendizado, o desempenho acadêmico, o comportamento social e até mesmo a saúde mental das crianças.

Também será discorrido sobre como o abandono afetivo: dentro do ambiente familiar e em outras esferas da vida, a fim que se possa se refletir na vivência escolar da criança diante de sua capacidade de interação, conquistas e experiências por meio da socialização com colegas e professores.

A RELAÇÃO ABANDONO AFETIVO E ESCOLA

A escola é um importante agente socializador que indo além do ciclo familiar pode oferecer um ambiente de apoio e oferecer condições necessárias ao seu desenvolvimento infantil saudável. Nessa perspectiva considera-se que a escola não deve apenas se concentrar no ensino acadêmico, mas também nas relações interpessoais e no bem-estar emocional dos alunos. Devem oferecer condições que favoreçam a aprendizagem humana, considerando a necessidade de atenção, cuidado e respeito às diferenças.

Contudo, para a fundamentação deste tópico se apresentam os autores que dão o suporte teórico ao mesmo, sendo eles: Paulo Freire (1999), Rosita Edler Carvalho (2000), Leite e Tassoni (2002), Yves La Taille (1992), Dantas (1992) e Fornasier e Silva (2023).

Conforme traz Paulo Freire (1999), a escola é mais do que o lugar de transmissão dos conhecimentos metodológicos, ela é o lugar onde a afetividade também se desenvolve. Em concordância a esse pensamento, Freire (1999) expõe sobre a sala de aula se constituir, o tempo todo, como espaço interativo, tal como se tem a seguir

[...] como professor [...] preciso estar aberto ao gosto de querer bem aos educandos e à própria prática educativa de que participo. Esta abertura ao querer bem não significa, na verdade, que, porque professor, me obrigo a querer bem a todos os alunos de maneira igual. Significa, de fato, que a afetividade não me assusta que tenho de autenticamente selar o meu compromisso com os educandos, numa prática específica do ser humano. Na verdade, preciso descartar como falsa a separação radical entre “seriedade docente” e “afetividade”. Não é certo, sobretudo do ponto de vista

democrático, que serei tão melhor professor quanto mais severo, mais frio, mais distante e “cinzento” me ponha nas minhas relações com os alunos, no trato dos objetos cognoscíveis que devo ensinar. (FREIRE, 1999, p.159).

Freire (1999) defende que a escola deve estar disposta a estabelecer conexões afetivas com seus alunos e que a afetividade não deve ser vista como algo oposto à seriedade docente. Em vez disso, diz este autor, a afetividade pode enriquecer a prática educativa, tornando-a mais eficaz e significativa para os alunos, conclui.

Já, para outra pensadora, Rosita Edler Carvalho (2000), “(...) a criatividade do professor somada à sua convicção de que a aprendizagem é possível para todos os alunos e de que ninguém pode estabelecer os limites do outro, certamente contribuirão para remover os obstáculos que tantos e tantos alunos têm enfrentado no seu processo de aprendizagem.” (2000: 64).

Segundo relatam outros autores relacionados neste subtema, Leite e Tassoni (2002) afirmam que a escola precisa ser um ambiente favorável à aprendizagem. Para Leite e Tassoni (2002), enquanto a criança não domina a linguagem ela manifesta-se pelo ato motor, o que lhe garante uma relação com seu meio, a fase seguinte, sensório-motor, a afetividade se beneficia da linguagem simbólica para manifestar-se. Estes autores ainda complementam que a criança usa a linguagem oral, inicialmente para aprimorar seus afetos, posteriormente acrescenta a escrita juntando então, mais uma vez, a forma cognitiva e afetiva.

A afetividade, é um fator importante na vida da criança e favorece a aprendizagem e o desenvolvimento cognitivo. Nesse sentido, para Jean Piaget (1992), o eixo principal em torno da sua teoria é a relação implícita entre afetividade e cognição.

Yves de La Taille (1992) é outro autor que faz menção à afetividade por meio de estudo da obra de Lev Vygotsky (1992), para a contribuição com o tema deste artigo. Segundo La Taille (1992), Vygotsky (1992) defende que o pensamento tem sua origem na esfera da motivação, a qual inclui inclinações, necessidades, interesses, impulsos, afeto e emoção. Nesta esfera estaria a razão última do pensamento e, assim, uma compreensão completa do pensamento humano só é possível quando se compreende sua base afetivo-volitiva (1992, p. 76).

Já, na concepção walloniana, afetividade e inteligência estão ligadas e são importantes no processo de desenvolvimento da criança. E, pela psicogenética de Henri Wallon, a dimensão afetiva ocupa lugar central, tanto do ponto de vista da construção da pessoa quanto do conhecimento (LA TAILLE, 1992, p. 85).

Dantas (1992) também relata seu posicionamento sobre a afetividade como espécie de ‘ponte’ ou vínculo afetivo entre os indivíduos. A partir desta consideração, diz Dantas (1992) que

O vínculo afetivo supre a insuficiência da inteligência no início. Quando ainda não é possível a ação cooperativa que vem da articulação de pontos de vista bem diferenciados, o contágio afetivo cria os elos necessários à ação coletiva. Com o passar do tempo, a esta forma primitiva se acrescenta a outra, mas, em todos os momentos da história da espécie, como da história individual, o ser humano dispõe de recurso para associar-se aos seus semelhantes. (DANTAS, 1992, p.97).

Contudo, vale ressaltar que o abandono afetivo pode ocorrer tanto no contexto familiar quanto no contexto escolar. É este o ponto debatido pelos autores Fornasier e Silva (2023). Na perspectiva destes autores, na família, o abandono afetivo pode ocorrer devido a diversos fatores, como pais ausentes emocionalmente, divórcio ou separação dos pais, entre outros. Já no ambiente escolar, dizem Fornasier e Silva (2023), que o abandono afetivo pode ocorrer quando os educadores não demonstram afeto, apoio emocional ou quando não estabelecem um vínculo saudável com os alunos. Sendo assim, Fornasier e Silva (2023), retratam o abandono na perspectiva escolar, ao dizerem que

O fenômeno do abandono afetivo, na perspectiva interdisciplinar, constitui-se como uma forma de negligência tanto da família quanto da escola, cuja privação de afetos reverbera de forma negativa na aprendizagem infantil, sobretudo quando ultrapassa o emocional e se transforma em dor física, retardando até mesmo o crescimento do cérebro. Que pese a invisibilidade individual do dano, as consequências estão relacionadas à subjetividade humana, quando a visibilidade muitas vezes aparece como forma de transgressão social e dificuldades do indivíduo de relacionar-se consigo mesmo e com os outros. (FORNASIER e SILVA, 2023, p. 213).

Pela abordagem que faz Fornasier e Silva (2023), verifica-se que a falta de vínculo afetivo pode influenciar no desenvolvimento da capacidade da criança em compreender a si mesma, bem como sua condição de se relacionar com os outros. Assim, finalizam os autores ao considerarem que a criança pode apresentar dificuldades em confiar, em expressar emoções, em firmar vínculos afetivos e em lidar com os desafios sociais.

Todavia, é relevante destacar que cada situação é única e os impactos podem variar dependendo dos fatores individuais e das circunstâncias específicas. No entanto, é fundamental também reconhecer a importância do afeto, da proteção, do cuidado, bem como a repercussão que a ausência da família pode ter no desenvolvimento emocional do indivíduo.

Portanto, tendo perpassado pelas abordagens dos autores já citados, percebe-se que a relação entre abandono afetivo e escola, fica claro que a necessidade de uma abordagem

sensível e atenta à saúde emocional das crianças é fundamental para o bem-estar e sucesso do educando.

Por conseguinte, no próximo tópico, explora-se a importância da escuta sensível do professor, como a empatia e a habilidade de ouvir ativamente podem desempenhar um papel essencial na criação de um ambiente de aprendizagem seguro, acolhedor e eficaz. Serão mencionadas técnicas e estratégias sugeridas aos educadores para o aprimoramento das habilidades de escuta sensível, visando a criação de um ambiente de aprendizado mais inclusivo e enriquecedor, quer seja, especificamente sala de aula, ou amplamente, na unidade escolar.

ESCUA SENSÍVEL E MEDIAÇÃO PEDAGÓGICA

Compreende-se, pelo senso comum, que o ato de escutar envolve uma disposição ativa e aberta para se conectar com o outro, para entendimento de sua fala, gestos e diferenças. É nesse contexto, da acolhida da fala do outro, que se pretende neste tópico abordar a necessidade e relevância da escuta sensível e da mediação pedagógica para com a situação de abandono afetivo.

Todavia, para o suporte teórico do mesmo, estão relacionados os seguintes autores: R. Barbier (2007), Tânia Márcia Oliveira de Miranda (2020), Eledir da Cruz Martins e Dirce Encarnación Tavares (2015), M. T. Masetto (2000), Solange Maria Alves (2012), Paulo Freire (2005) e Ana Maria Ramos Sanchez Varela (2008).

Retomando-se a questão da escuta sensível, Freire (2000) diz que este é um processo que requer estar presente, atento e receptivo ao que o outro está expressando. Em consonância a este pensamento, o pensador define ainda que

Escutar é obviamente algo que vai mais além da possibilidade auditiva de cada um. Escutar, no sentido aqui discutido, significa a disponibilidade permanente por parte do sujeito que escuta para a abertura à fala do outro, ao gesto do outro, às diferenças do outro. (FREIRE, 2000, p. 46).

Outro estudioso do tema é Barbier (2007). De acordo com entendimento deste autor, em seus estudos, ele posiciona que, na sala de aula, a atitude da escuta sensível se dá por meio da relação professor-aluno. Daí, para Barbier (2007), conceito de escuta sensível assim configura-se

A escuta sensível apoia-se na empatia. O pesquisador deve saber sentir o universo afetivo, imaginário e cognitivo do outro para “compreender do interior” as atitudes e os comportamentos, o sistema de ideias, de valores, de símbolos e de mitos (“ou a existencialidade interna”, na minha linguagem). (BARBIER, 2007, p. 94).

Para Barbier (2007), o ato da escuta sensível envolve ouvir com empatia, atenção e respeito pelas emoções e necessidades da outra pessoa. É uma forma de escuta que busca compreender verdadeiramente o que o outro está dizendo, e responder de maneira sensível e apropriada.

O autor complementa sua ideia a este respeito, ao afirmar que a atitude de ouvir atentamente os alunos de forma empática, respeitando suas vozes, necessidades e emoções. Essa forma de escuta permite ao professor compreender verdadeiramente os alunos e responder de maneira sensível e apropriada, promovendo um ambiente de aprendizagem positivo e acolhedor.

Miranda (2020) em seu trabalho sobre: “A importância da afetividade no vínculo escolar e família na aprendizagem do aluno”, considera que a escuta sensível por parte do professor, é uma ação educativa fundamental para facilitar o diálogo e promover um ambiente de confiança na sala de aula. Miranda (2020), destaca no mesmo sentido, a importância do diálogo, que para esta autora, diz que

O diálogo humano traz consigo o caráter problematizar, inerente a toda ação, e consequentemente possibilita a reflexão os mais altos níveis de inteligibilidade. Vista por este Norte a prática educativa refere-se a um processo interativo entre os seres humanos, mediados pelo diálogo. (MIRANDA, 2020, p. 07).

Quando o diálogo é valorizado na prática educativa, proporciona um ambiente acolhedor e propício a construir relações. Nesse sentido, Miranda (2020), considera que

[...] o diálogo é pedagógico, pois possibilita as relações entre os sujeitos da educação. Nesse sentido o diálogo permite a formação de estruturas mais democráticas dentro das realidades sociais contribuindo para que todos se estabeleçam em lugares paritários e possam caminhar rumo à sociedade mais liberadoras e menos injustas. (MIRANDA, 2020, p. 07).

A escuta sensível envolve estar atento e receptivo às necessidades, experiências e emoções dos alunos, demonstrando empatia e interesse genuíno pelo que eles têm a dizer. Segundo Martins e Tavares (2015), a escuta sensível no contexto escolar, tal como se tem, a escuta sensível

[...] facilita o diálogo tão necessário na prática docente, uma vez que promove a confiança absoluta entre o professor e o aluno. Segundo a teoria rogeriana, na qual a pessoa está no centro das relações, faz-se necessário maior compreensão do indivíduo e ao mesmo tempo contribui com a aprendizagem. (MARTINS E TAVARES, 2015, p. 23).

A escuta sensível também permite ao professor compreender melhor as necessidades individuais dos alunos, suas dificuldades e interesses. Ao ouvir atentamente, o professor pode

identificar as necessidades e ajustar sua prática pedagógica de acordo com a especificidade de cada aluno, concluem os autores.

Conforme Miranda (2020), é por meio das experiências de vida, respeitando a individualidade de cada aluno, que o diálogo nos ajuda a ter conhecimento para aprender a distinguir as diversas formas de manifestações, conforme se tem a seguir

As relações interpessoais do professor no mundo contemporâneo estão cada vez mais complexas. Para se entrar no círculo da educação, respeitando a compreensão de mundo de cada pessoa que muito diferentes. Experiência de vida, contexto sociocultural. Precisamos saber como fazer arte e sabedoria. (MIRANDA, 2020, p. 8).

É importante ressaltar que o desenvolvimento dessas habilidades requer um compromisso contínuo com a formação e atualização profissional. Os professores devem buscar oportunidades de aprendizado e aprimoramento, explorando estratégias pedagógicas inovadoras, abordagens interdisciplinares e práticas inclusivas que promovam a arte e a sabedoria como ferramentas para a construção de relações interpessoais saudáveis e significativas na sala de aula.

Fica evidente que a escuta sensível desempenha um papel fundamental na promoção do bem-estar emocional e no sucesso acadêmico dos educandos. Quando os educadores se comprometem a ouvir atentamente, demonstrando empatia e compreensão, eles criam um ambiente de aprendizagem no qual os alunos se sentem valorizados e apoiados.

A escuta sensível não é apenas uma ferramenta pedagógica; é um ato de humanidade que pode influenciar profundamente a vida de uma criança. Ao entender as necessidades, preocupações e aspirações de seus alunos, os professores podem adaptar sua abordagem de ensino, oferecer orientação apropriada e cultivar relacionamentos significativos que perdurarão muito além da sala de aula.

Sendo assim, junto a escuta sensível, evidencia-se a importância do papel do professor como agente mediador no processo de desenvolvimento do indivíduo. Quando se trata desse tema “mediação pedagógica” é fundamental entender a que essa expressão se refere. Sobre este aspecto, destaca-se Masseto em seu trabalho intitulado: “Mediação pedagógica e o uso da tecnologia”. Desse modo, de acordo com Masetto (2000) a mediação pedagógica constitui-se no comportamento do professor, ou seja, sua atitude que o coloca como um incentivador ou motivador da aprendizagem. Representa o elo entre o aprendiz e a aprendizagem, enfatizando a troca de experiências e o diálogo entre eles.

Para este autor, o professor, quando exerce a função de mediador, aproxima o aprendiz e sua aprendizagem. Nessa ação caracterizada como mediadora deve haver sempre uma intencionalidade para direcionar o educando no processo. Neste caso, conforme explica Alves (2012), a mediação nas relações de ensino e aprendizagem “caracteriza-se fundamentalmente pela intencionalidade clara de interpor-se entre o objeto do conhecimento e o sujeito, para, estrategicamente, intervir no processo de desenvolvimento desse último”.

Nessa perspectiva, o educando se torna o sujeito social da aprendizagem, o conteúdo é o objeto do aprendizado e o professor é o mediador no processo de construção do conhecimento. A mediação pedagógica está ligada a uma ideia de ação efetivada com a troca de experiências, de maneira que o processo de ensino e de aprendizagem seja conduzido para uma relação de exercício em conjunto entre professor e aluno, contribuindo para o desenvolvimento e competências. É neste sentido que Freire (2005) orienta que, ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção.

A partir da afirmativa de Freire (2005), a ação pedagógica deve vir acompanhada de uma relação dialógica que abrange diferentes situações, desde aquelas que envolvem a interação entre educador e educando e vice-versa, àquelas entre o sujeito e o objeto do conhecimento. Dentro dessa perspectiva, Freire discute sobre o compromisso do professor em colaborar com o processo de interação social através de uma educação dialógica.

Segundo ele, as relações mediadas em sala de aula se efetivam por meio do diálogo e combinadas às experiências do professor e do aluno, estimulam reflexões pertinentes a todo o processo de ensino e de aprendizagem. Essas reflexões possibilitam construir o conhecimento em conjunto. Assim, as relações de mediação no ambiente escolar favorecem a prática de trocas de informação, vivências e valores, bem como potencializa o reconhecimento da igualdade e do direito de expressão do outro.

Já, acerca do significado da escuta, Varela (2008) é outro autor que analisa esse conceito e argumenta que é fundamental olhar para além das ações de cada aluno, e essa capacidade pode ser evidenciada até mesmo ao interpretar um simples texto. Para este autor, a prática da escuta sensível promove uma comunicação mais harmoniosa, abrangente, acolhedora e enriquecedora no ambiente da sala de aula.

Assim, entende-se que a essência dessa comunicação reside na capacidade de ouvir, especialmente por parte do educador. Nesse contexto, Varela (2008) explora a arte da comunicação na sala de aula, destacando com grande sensibilidade a jornada solitária do

educador que adota uma abordagem interdisciplinar, indo além da simples transmissão de conteúdo, já que a escuta sensível conduz ao entendimento pleno do ser humano.

Portanto, é sabido que frequentemente os professores enfrentam desafios e sacrifícios inerentes a sua profissão, mas essas dificuldades podem ser superadas pela satisfação de ver seus alunos crescerem e aprenderem muitas vezes supera e faz com que se esqueçam das inúmeras dificuldades enfrentadas.

Por este fato, ao verificar as afirmações destes autores, considera-se que ao ouvir atentamente os alunos, os professores podem identificar as necessidades e os níveis de competência de cada educando. A combinação da escuta sensível do professor e da mediação pedagógica proporciona um ambiente de aprendizado mais acolhedor, centrado no educando, fazendo com que eles se sintam compreendidos, valorizados e apoiados em sua jornada de aprendizado.

Por isso, depende-se que, a escuta sensível do professor e a mediação pedagógica promovem um ambiente de aprendizado que valoriza a individualidade dos alunos, adapta-se às suas necessidades e promove um aprendizado mais profundo e significativo. Levando em consideração que o papel do professor vai além de transmitir conhecimento, mas também inspiram valores, cultivam sonhos e fornecem as ferramentas úteis para que os melhoram o desempenho acadêmico, o desenvolvimento pessoal, moldando e os preparando para os desafios futuros melhor e contribuindo para mudanças positivas em suas vidas e na sociedade.

No tópico a seguir, se tem o registro da pesquisa empírica (de campo) bem como seu respectivo resultado no qual se integram tanto a contribuição de diversos autores e a posição dos entrevistados sobre a realização da escuta sensível docente.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para a análise deste estudo, se destaca a aplicação de questionário virtual, constituído pela ferramenta Google Forms. Os autores que fundamentam a verificação dos resultados deste tópico, são: M. A. S. Rossini (2012), Carl R. Rogers (1977), Leonilía de Souza Nunes (2009), M. E. P. Seligman (2011), L. G. Gasparetto, C. Bandeira, & C.H. Giacomoni (2017), Eugênio Cunha (2010) e Cláudio J. P. Saltini (1997), além do documento oficial destinado ao currículo escolar no Brasil – a BNCC (2017).

O questionário em questão, do ponto de vista metodológico, foi aplicado a professores no qual usou-se de escolha aleatória dos docentes com o objetivo de analisar como os educadores percebem o papel da escola e dos professores no apoio emocional aos alunos que

possam estar enfrentando o abandono afetivo para se compreender tanto percepção dos professores sobre o conceito de escuta sensível bem como sua relevância na educação.

Este instrumento, em anexo, consiste em três perguntas objetivas e duas perguntas discursivas (subjetivas). Ao todo, foram obtidas um total de 14 (quatorze) respostas, conforme demonstram as figuras que serão apresentadas. As respostas discursivas se apresentam de maneira anônima, sendo os participantes identificados apenas por denominações: Professor A, B, C, D, etc.

A primeira pergunta abordou como o abandono afetivo pode afetar o processo educativo. Todos os profissionais da educação participantes da pesquisa responderam que o abandono afetivo pode interferir no bem-estar emocional do aluno, influenciando seu engajamento e desempenho acadêmico.

Para Rossini (2012), o indivíduo pode até possuir um quociente intelectual (QI) bastante elevado, no entanto, se o seu sentir estiver prejudicado, bloqueado, a sua ação não será proveitosa. Por isso, na escola devem ser oferecidas propostas, condições pedagógicas para que a criança possa desenvolver sua criatividade, a ampliação e frutificação de suas emoções cada vez mais

A falta de afetividade leva a rejeição aos livros, a carência de motivação para aprendizagem, a ausência de vontade de crescer. Portanto, uma de nossas máximas é: aprender deve estar ligado ao ato afetivo, deve ser gostoso, prazeroso. (ROSSINI, 2012, p. 15).

A ausência de afeto, carinho e atenção pode levar a criança a menosprezar a educação, desmotivá-la a aprender e afetar níveis de sua autoestima. Portanto, o aprendizado deve ser uma experiência afetiva, prazerosa e positiva, para que a criança se sinta motivada e liberada para aprender. A ideia central é que o aspecto emocional desempenha um papel crucial no processo de aprendizagem e no desenvolvimento integral da criança.

A segunda pergunta foi realizada para verificar qual a compreensão do professor quanto ao termo "escuta sensível" no contexto educacional. Todos os profissionais da educação pesquisados reconheceram o quanto ouvir aos alunos, com empatia e atenção e entender suas emoções e necessidades, é importante no processo educativo.

Assim, observa-se que escuta sensível pressupõe a existência da empatia. Para Rogers (1977), este é um processo em movimento. Segundo ele, a maneira de ser em relação a outra pessoa, chamada empática tem muitas faces. Isso denota o penetrar no mundo perceptual do outro e sentir-se completamente à vontade dentro dele.

Segundo apresenta este autor, a empatia em sala de aula é de extrema importância, pois quando professor exerce a empatia, o aluno tende a se expressar de maneira mais aberta, demonstrando seus sentimentos e emoções, podendo assim, ser compreendido, respeitado, valorizado, proporcionado então um ambiente mais acolhedor, propício ao aprendizado e impactando positivamente no desempenho acadêmico.

Voltando-se ao ambiente escolar, o trabalho docente atualmente é pautado por uma legislação cujas diretrizes se apresentam na Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Este documento defende a existência de um sistema educacional nivelado e descentralizado aos sistemas estaduais e municipais de ensino. A BNCC ainda aponta competências, estabelece determinações para que os alunos aprendam ao longo de diversas etapas ou modalidades do sistema nacional de ensino – Educação Infantil, Ensino Fundamental, Médio e Superior. Nesse sentido, é possível notar que as competências socioemocionais estão entrelaçadas em muitas dessas competências, pois apoiam a importância do desenvolvimento emocional e social dos alunos. Dentre elas está a competência, na qual deve-se

Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza. (BRASIL, 2017, p. 10).

Contudo, ao reconhecer a importância da empatia e do diálogo, a BNCC busca promover valores e habilidades que são essenciais para a formação de cidadãos críticos, colaborativos e conscientes de seu papel na construção de uma sociedade mais justa e humanitária. Assim, conforme traz este documento, torna-se imprescindível que a utilização dessa competência específica faça parte do currículo dos educadores, para que essa prática possa por sua vez, transmitir esses valores e habilidades aos alunos.

Quanto ao questionário em questão, na sequência, procurou-se saber também como o profissional integra a escuta sensível no seu trabalho como educador e como isso impacta positivamente o aprendizado e o desenvolvimento dos seus alunos. Dentre as respostas obtidas para esta questão, destacam-se: o seguinte posicionamento: de acordo com o Professor D, “quando praticamos uma escuta de forma sensível podemos entender até mesmo os motivos de vários comportamentos que os alunos possuem dentro da aula.”

Para fazer um paralelo entre as perguntas realizadas e a posição dos autores estudados, verifica-se que, quando se pratica uma escuta sensível, este fato torna seus envolvidos capazes de compreender não apenas o que os alunos estão dizendo, mas também os motivos implícitos

aos seus comportamentos na sala de aula, pois isso permite obter *insights* mais profundos sobre suas necessidades, preocupações, emoções e motivações.

Para tanto, os educadores podem adaptar sua abordagem de ensino e oferecer um ambiente de aprendizagem mais inclusivo e eficaz, atendendo às necessidades individuais dos alunos. A escuta sensível é uma ferramenta valiosa para fortalecer as relações pedagógicas e promover um ambiente de aprendizagem mais enriquecedor.

Outra contribuição importante sobre a escuta sensível do docente, foi apresentada pelo Professor F, segundo o qual: “A integração se dá pela comunicação. Este diz ainda que é fundamental que a escuta pedagógica e o apoio emocional, que podem fazer uma grande diferença na vida de um aluno que enfrenta o abandono afetivo.

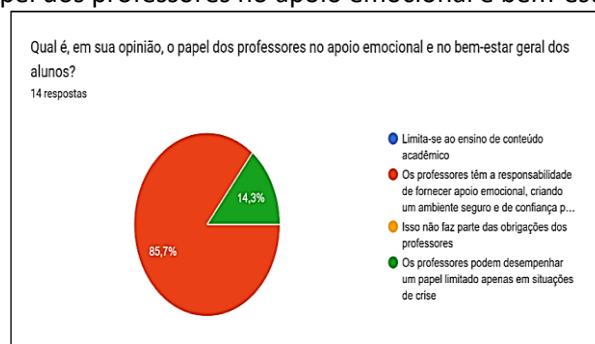
Consequentemente, se vê também que o devido encaminhamento para profissionais de saúde mental, quando necessário, é crucial para um suporte adequado”, finaliza. A prática da escuta desempenha um papel significativo em diversas áreas, inclusive nas relações pedagógicas, onde se torna uma aliada crucial no processo de desenvolvimento das crianças.

Sobre esta importância, outro autor que faz suas considerações a este respeito, Nunes (2009), para o autor, efetivamente ouvir, é fundamental demonstrar cuidado não apenas pela criança em si, mas também por sua trajetória e seu crescimento. Esse nível de cuidado, diz o autor, se manifesta através da promoção de uma escuta sensível, que abrange todos os aspectos afetivos e emocionais. Desta forma, em concordância a este pensamento, Nunes ressalta que

A escuta sensível é, acima de tudo, uma presença mediativa, considerada no sentido mais simples de consciência do estar, do aqui, do agora, percebidos do menor gesto, na menor atividade da vida cotidiana. Ela reconhece o outro na sua totalidade de indivíduo complexo, dotado de liberdade e de pensamento criador. (NUNES, 2009, p. 30).

Assim, observa-se então que a escuta sensível é um ato de estar presente de forma mediadora, envolvendo uma consciência aguçada do momento atual e da situação presente, incluindo a menor ação na vida cotidiana. Pode-se compreender ainda que ela envolve estar verdadeiramente presente, percebendo e valorizando o outro em toda a sua individualidade e potencial. A quarta e penúltima pergunta, aborda o papel dos professores no apoio emocional e no bem-estar geral dos alunos, pelo que se tem logo na figura a seguir.

Figura 3- Papel dos professores no apoio emocional e bem-estar dos alunos



Fonte: Elaboração da autora (2023).

A partir da figura acima, constata-se que 85,7% dos profissionais consideram que os professores têm a responsabilidade de proporcionar apoio emocional, criando um ambiente seguro e de confiança para os alunos; e apenas 14,3% dos profissionais consideram que os professores podem desempenhar um papel limitado apenas em situações de crise.

Outra constatação é a de que, a maioria dos profissionais de educação que responderam ao questionário, acreditam que os professores têm a responsabilidade de propiciar apoio emocional aos alunos, criando um ambiente seguro e de confiança. Isso vai além do papel tradicional de ensinar conteúdo acadêmico; envolve a promoção do bem-estar emocional e o desenvolvimento social dos alunos. Um ambiente escolar acolhedor e de apoio emocional pode ajudar os alunos a se sentirem mais confiantes, engajados e capazes de lidar com os desafios emocionais que podem enfrentar.

Para a defesa deste pensamento se tem a chamada Psicologia Positiva, que é definida por Seligman (2011) como sendo a área da psicologia que estuda os fundamentos psicológicos do bem-estar e da felicidade, as emoções positivas, bem como os pontos fortes e virtudes humanas. Segundo Seligman (2011), bem-estar subjetivo corresponde ao que as pessoas sentem e pensam sobre suas vidas e ao nível de satisfação da vida percebido pelo indivíduo, um termo mais aceito cientificamente para o que as pessoas, no senso comum, chamam de felicidade.

Esta teoria tem como base, cinco elementos: emoção positiva, engajamento, sentido, relacionamentos positivos e realização. Os autores Gasparetto, Bandeira e Giacomoni (2017) também trabalham nesta linha e consideram que o bem-estar subjetivo deve ser trabalhado ainda na infância, enquanto os traços de personalidade estão em desenvolvimento. Desta forma, seria possível evitar possíveis consequências na vida adulta, especialmente para crianças que apresentam altos níveis de desajuste e instabilidade emocional.

Neste sentido, outro autor que corrobora os autores já mencionados é Cunha (2010), o qual ressalta que o ato de educar é potencializado com o auxílio do amor e do carinho, e com

isso é possível estimular os alunos a vivenciarem suas primeiras experiências afetivas. Sendo assim, o ambiente escolar apresenta grande influência para a socialização do indivíduo no começo da sua vida, onde as relações afetivas apresentam grande valor no desenvolvimento humano.

Este autor ainda tece a consideração de que a ideia central é que a educação vai além da transmissão de conhecimento e inclui a promoção de um ambiente emocionalmente seguro e afetuoso, onde os educandos possam crescer, aprender e desenvolver habilidades interpessoais importantes desde o início de suas vidas. Essas relações afetivas saudáveis na escola, têm um impacto positivo na formação emocional e social dos indivíduos, diz Cunha (2010).

Finalmente, se tem a última pergunta, com resposta aberta, indagava sobre quais sinais ou comportamentos podem indicar que alguém está lidando com as consequências do abandono afetivo e como educadores, que medidas práticas podemos tomar para apoiar alunos que podem estar lidando com problemas de abandono afetivo.

Dentre as respostas obtidas para essa questão, destacamos as respostas dos professores D, L e N respectivamente, o Professor D: “Comportamento agressivo, falta de interesse pelas atividades e isolamento. Registra-se que os entrevistados se posicionaram também ao afirmarem que, como educadores para solucionar esses problemas, devemos atuar junto com a família do educando buscando entender todo o contexto por trás de tais ações do educando.”

Já o Professor L, afirmou que o abandono afetivo revela: “Instabilidade escolar, dificuldade em se adaptar à realidade, maior propensão à agressividade com outras pessoas, medo do abandono, não se comunicar com outros alunos estando assim mais distante e calado.”

Enquanto isso, o Professor N mostra que: “Alguns sinais nos quais já reparei são: agressividade, rebeldia, choros sem motivo aparente normalmente seu comportamento muda. Segundo ele, como educadores, podemos dar mais atenção a essa criança, repassar isso para a coordenação para que entre em contato com os pais para uma conversa, pois muitas vezes se torna difícil realizarmos muitas coisas pois lidamos com muitas crianças.”

Cláudio Saltini é outro pesquisador que afirma ainda que manter a calma, oferecer tranquilidade e demonstrar afeto nessas situações é fundamental para preservar o bem-estar emocional tanto do professor quanto do aluno. A ideia principal é que a resposta do professor a situações emocionais intensas deve ser baseada na empatia, no acolhimento e na comunicação eficaz.

Ao manter a serenidade e dialogar com a criança, o professor ajuda a fortalecer o vínculo emocional, oferecer um ambiente acolhedor, para encontrar soluções construtivas. Na

visão deste autor, isso contribui para criar um ambiente escolar mais positivo e saudável, promovendo o desenvolvimento emocional e o bem-estar de todos os envolvidos. Como ressalta Saltini

A serenidade e a paciência do educador mesmo em situações difíceis fazem parte da paz que a criança necessita. Observar a ansiedade, a perda de controle e a instabilidade de humor vão assegurar à criança ser o continente de seus próprios conflitos e raivas, sem explodir, elaborando-os sozinha ou em conjunto com o educador. (SALTINI, 1997, p. 91).

Como o educador reage a situações desafiadoras desempenha um papel fundamental, como componente essencial para proporcionar à criança um ambiente de paz. Observar e entender a ansiedade, a perda de controle e a instabilidade de humor da criança permite que ela se sinta segura o suficiente para lidar com seus próprios conflitos e raivas de maneira construtiva, sem explosões emocionais. A ideia principal é que a presença de uma tranquilidade e atenção do educador ajude a criança a desenvolver habilidades de autorregulação emocional, além de criar um ambiente propício para a resolução conjunta de problemas e para o desenvolvimento emocional saudável.

Com base nas respostas obtidas através do questionário, percebe-se que os professores têm a percepção de que o abandono afetivo pode influenciar o bem-estar emocional dos alunos e seu desempenho acadêmico. Além disso, os comentários dos professores revelam uma compreensão profunda da importância da escuta sensível no ambiente educacional. Eles enfatizam a necessidade de estabelecer uma comunicação aberta, de apoio emocional e de encaminhamento adequado para profissionais de saúde mental quando necessário.

O questionário possibilitou observar que a maioria dos professores concorda que os educadores têm a responsabilidade de proporcionar apoio emocional, criando um ambiente seguro e de confiança para os alunos. Isso reflete uma compreensão sólida de que o ensino vai além do conteúdo acadêmico e inclui o apoio ao desenvolvimento emocional dos alunos.

Portanto, as respostas obtidas oferecem uma visão rica sobre os sinais e comportamentos que podem indicar que um aluno está lidando com as consequências do abandono afetivo. Além disso, verificou-se outro dado igualmente relevante de que os professores puderam compartilhar estratégias práticas para apoiar esses alunos, incluindo a criação de oportunidades para a comunicação, o oferecimento de atenção extra e o incentivo à integração social.

CONSIDERAÇÕES

Em síntese, esta pesquisa ressalta a importância fundamental de entender o abandono afetivo e sua influência no processo educativo. Constatou-se alguns pontos fundamentais sobre o estudo do presente tema.

O primeiro ponto, mostra que as consequências psicológicas, desse interesse, podem acompanhar um indivíduo por toda a vida, dificultando as relações emocionais e afetando profundamente seu desenvolvimento. Assim, o abandono afetivo, quando transportado para o ambiente escolar, apresenta desafios seriamente complexos que afetam a aprendizagem, o desempenho acadêmico, o comportamento social e a saúde mental das crianças.

O segundo ponto a concluir, é que a relação entre abandono afetivo e escolar, destaca claramente a urgência de uma abordagem sensível e atenta à saúde emocional dos alunos porque a Escuta Sensível do Professor, surge como um elemento-chave nesse contexto, permitindo aos educadores identificarem as necessidades individuais de cada aluno e criar um ambiente de aprendizagem seguro e acolhedor. Do mesmo modo, compreende-se também que, a combinação da escuta sensível do professor, o diálogo e da mediação pedagógica contribui para uma educação que valoriza a individualidade dos educandos, adapta-se às suas necessidades e promove um aprendizado profundo e significativo.

Em terceiro lugar, observa-se que as abordagens já mencionadas, não apenas apontam para a necessidade de uma melhoria do desempenho acadêmico, mas também nutrem a confiança e o desenvolvimento pessoal dos alunos, preparando-os para superar desafios educacionais e pessoais com sucesso. Por isso, a escola, como agente socializador, deve ir além do ensino acadêmico e considerar a importância das relações interpessoais e do bem-estar emocional dos educandos.

Em quarto lugar, este estudo enfatiza a importância de reconhecer e abordar o abandono afetivo no ambiente escolar, com ênfase na necessidade de uma abordagem sensível por parte dos educadores. O futuro da educação exige um compromisso contínuo com a saúde emocional dos alunos, pois a afetividade desempenha um papel inegável na formação de indivíduos saudáveis e bem-sucedidos.

Percebe-se então que estes estudos estão, de fato, se aprofundando na compreensão do impacto do abandono afetivo no ambiente escolar e da importância da escuta sensível por parte dos educadores. No entanto, é importante ressaltar que não existe uma resposta única para até que ponto os professores estão preparados para fazer essa mediação. A preparação dos

professores varia amplamente, e alguns podem ser mais capazes de lidar com questões de abandono afetivo do que outros.

É fundamental que as instituições educacionais invistam na formação e no suporte contínuo dos professores para melhor lidar com o abandono afetivo. Isso inclui o desenvolvimento de competências da escuta sensível, a empatia e a compreensão das necessidades emocionais dos alunos e a capacidade de mediar conflitos relacionados ao abandono afetivo de maneira eficaz. Além disso, é importante reconhecer que a mediação do abandono afetivo não deve recair exclusivamente sobre os ombros dos professores. A escola como um todo, incluindo administradores, conselheiros e a comunidade, deve estar envolvida na criação de um ambiente de apoio emocional para os alunos. O trabalho em equipe e a colaboração são essenciais para enfrentar esse desafio de forma abrangente.

Em última análise, conclui-se que, embora os estudos estejam se aprofundando nessa questão, a preparação dos professores para mediar o abandono afetivo varia. Para tanto, é fundamental que as instituições educacionais forneçam o suporte, e apoio psicológico também aos docentes para que possam lidar de maneira eficaz com essa questão sensível no ambiente escolar, garantindo que todos estejam em um estado emocional adequado para cuidar uns dos outros.

Neste contexto, encerra-se a pesquisa com a certeza de que a afetividade e a escuta sensível são elementos essenciais para a construção de um ambiente educacional enriquecedor e inclusivo. Esperamos que esta pesquisa contribua para uma compreensão mais profunda das complexas interações entre abandono afetivo, educação e escuta sensível, promovendo o bem-estar e o sucesso dos educandos.

REFERÊNCIAS

ALVES, Solange Maria. **Freire e Vigotski: um diálogo entre a pedagogia freireana e a psicologia histórico-cultural**. Chapecó: Argos, 2012.

ANTUNES, Celso. **A afetividade na escola: educando com firmeza**. Londrina: Maxprint, 2006.

BARBIER, R. A. **Pesquisa-ação**. Brasília, D. F.: Liber Livro Editora, 2007.

BASTOS, E. F.; LUZ, A. F. da. **Família e jurisdição II**. Belo Horizonte: Del Rey, 2008. v. II.

BRASIL. [Constituição (1988)]. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília, DF: Presidência da República, Disponível

em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm. Acesso em: 20 de Maio de 2017.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Base Nacional Comum Curricular**. Educação é a Base. Brasília, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 29 de out. de 2023.

BRASIL. **Lei no 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências**. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 16 jul. 1990. Disponível em: [L8069 \(planalto.gov.br\)](http://www.planalto.gov.br). Acesso em: 20 de maio de 2023.

BOWLBY, John. **Formação e rompimento dos laços afetivos**. São Paulo: Martins Fontes, 1982.

BOCCATO, V. R. C. **Metodologia da pesquisa bibliográfica na área odontológica e o artigo científico como forma de comunicação**. Rev. Odontol. Univ. Cidade São Paulo, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 265-274, 2006. Disponível em: https://arquivos.cruzeirodosuleducacional.edu.br/principal/old/revista_odontologia/pdf/setembro_dezembro_2006/metodologia_pesquisa_bibliografica.pdf. Acesso em: 20 de maio de 2023.

BULGRAEN, Vanessa C. **O papel do professor e sua mediação nos processos de elaboração do conhecimento**. Revista Conteúdo, Capivari, v. 1, n. 4, ago./dez. 2010. p. 30-38.

CARVALHO, Rosita Edler. **Removendo Barreiras para Aprendizagem: educação inclusiva**. Porto Alegre: Mediação, 2000.

CUNHA, Eugênio. **Afeto e Aprendizagem: Relação de Amorosidade e Saber na Prática Pedagógica**. Rio de Janeiro: WAK, 2010.

DANTAS, H. **A afetividade e a construção do sujeito na psicogenética de Wallon**. In: LA TAILLE, Yves; OLIVEIRA, M. K.; DANTAS, H. Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão. São Paulo: Summus, p. 85-98, 1992.

FERREIRA, A. B. H. **Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. 2 ed. Revista e ampliada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

FREIRE. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 15. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

FREIRE. **Pedagogia do Oprimido**. 41. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

GALVÃO, Izabel. **Henri Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil**. Petrópolis, RJ: Vozes. 1998.

GASPARETTO, L. G., BANDEIRA, C., & GIACOMONI, C.H. **Bem-estar do sujeito e traços de personalidade em crianças: Uma relação possível?** Temas em Psicologia, 25 (2), 2017, p. 447-457.

GIACOMONI, C. H. de Souza, L. K., & Hutz, C. S. (2014). **O conceito de felicidade em crianças.** Psico-USF, 19(1), 143-153. doi: 10.1590/ S1413-82712014000100014.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GRATIOT-ALFANDÉRY, Hélène. **Henri Wallon.** Tradução Patrícia Junqueira. Org. Elaine T. D. M. Dias - Recife: Fundação Joaquim Nabuco. Editora Massangana, 2010.

KHALEQUE, Abdul; ROHNER, Ronald. **Transnational relations between perceived parental acceptance and personality dispositions of children and adults: a meta-analytic review.** Personality and Social Psychology Review, 16(2), p. 103-115, 2012.

KRUEGER, Magrit Froehlich. **A relevância da afetividade na educação infantil.** Associação Educacional Leonardo da Vinci, Curso de Pós-Graduação em Psicopedagogia, 21 ago. 2017. Disponível em: <https://docplayer.com.br/4369149-A-relevancia-da-afetividade-na-educacao-infantil.html>. Acesso em: 20 de out. 2023.

LAKATOS, Eva Maria. MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica** 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LA TAILLE, Yves de. et al. **Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão.** São Paulo: Summus, 1992.

LEITE, S. A. S. & TASSONI, E. C. M. **Afetividade em sala de aula: as condições do ensino e a mediação do professor.** In: R. G. AZZI & A. M. F. A. SADALLA (Orgs). Psicologia e Formação Docente: desafios e conversas. Pp. 113-141. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.

LEWIS, Melvin; VOLKMAR, Fred. **Aspectos clínicos do desenvolvimento na infância e adolescência.** Trad. de Gabriela Giacomet. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

LYRA, J. H. G. **Importância da integração família, escola, suas dificuldades e seus encontros, diálogo necessário para a construção do sujeito e o futuro do contexto escolar.** In: Revista Científica Semana Acadêmica. Fortaleza, ano MMXIV, Nº. 000057, 02/07/2014.

MAHONEY, Abigail Alvarenga; ALMEIDA, Laurinda Ramalho de. **A Constituição da Pessoa na Proposta de Henri Wallon.** Edições Loyola: São Paulo. Brasil, 2004.

MARTINS, Eledir da Cruz; TAVARES, Dirce Encarnación. **A escuta sensível - prática do docente interdisciplinar no Ensino Médio.** In Interdisciplinaridade, São Paulo, v.1, n.6, p. 18 - 27, 2015.

MASETTO, M. T. **Mediação pedagógica e o uso da tecnologia.** In: MORAN, J. M.; MASETTO M. T.; BEHRENS, M. A. Novas tecnologias e mediação pedagógica. São Paulo: Papirus, 2000.

MIRANDA, Tânia Márcia Oliveira de. **A importância da afetividade no vínculo escolar e família na aprendizagem do aluno.** Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. Ano 05, Ed. 12, Vol. 12, pp. 05-17. dezembro de 2020. ISSN: 2448-0959. Disponível em: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/educacao/afetividade-no-vinculo>
Acesso em: 09 de abril de 2023.

MORIN, Edgar. **Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro.** 12º ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2007.

NUNES, Leonilía de Souza. **Escuta sensível do professor: uma dimensão da qualidade da Educação Infantil.** (Dissertação de Mestrado). Brasília: 2009.

ORIONTE, Ivana; SOUSA, Sônia Margarida Gomes. **O significado do abandono para crianças institucionalizadas.** Psicologia em Revista, Belo Horizonte, v. 11, n. 17, p. 29-46, jun. 2005.

PAIVA, Daiana de Assis. **Abandono Afetivo: Responsabilidade Civil e uma visão além da indenização.** Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2021.

ROGERS, Carl R. **A pessoa como centro.** Trad.: Rachel L. Rosenberg. São Paulo, EPU, 1977.

ROSSINI, M. A. S. **Pedagogia afetiva.** 13ª ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

SALTINI, Cláudio J.P. **Afetividade e inteligência.** Rio de Janeiro: DPA, 1997.

SILVA, Fernando de Almeida; FORNASIER, Rafael Cerqueira. **Abandono afetivo de criança e processo de aprendizagem escolar.** In: Revista Teias, [S.I.], v. 24, n.72, p. 212-232, 2023. DOI: 10.12957/teias.2023.62028.

SCHOR, Daniel. **Heranças invisíveis do abandono afetivo: um estudo psicanalítico sobre as dimensões da experiência traumática.** 150 fls. Tipo (Tese), Doutorado em Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

SELIGMAN, M. E. P. **Florescer: Uma nova e visionária interpretação da felicidade e do bem-estar.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.

SOUZA, S.G.N. **Abandono afetivo na infância: compreendendo crenças disfuncionais no processo de tornar-se adulto.** Repositório Institucional Unicambury, v. 1, n. 1, 2021.

VARELLA, Ana Maria Ramos Sanchez. **A comunicação interdisciplinar na educação.** São Paulo: Escuta, 2008

WALLON, Henri. **A evolução psicológica da criança.** Lisboa: Edições 70, 1981.

Recebido: 02 de fevereiro de 2024

Aceito: 23 de março de 2024